

OS ARTIGOS CIENTÍFICOS EM TEMPOS DE WEB 2.0: UMA REFLEXÃO TEÓRICA

Elisa Cristina Delfini Corrêa

Resumo: Reflexão acerca do papel social do artigo científico e da universidade para a democratização da ciência. Levanta questionamentos sobre a rigidez do processo de publicação e das potencialidades advindas da *web 2.0* a fim de tornar o diálogo científico mais aberto a partir da publicação de artigos nascidos digitais.

Palavras-chave: artigo científico; periódico científico; universidade; web 2.0; artigo digital.

1 INTRODUÇÃO

É indiscutível a importância da publicação de artigos em periódicos científicos. Através deste mecanismo de divulgação, são compartilhadas informações essenciais para o desenvolvimento tecnológico, econômico e social, pois o registro de resultados de pesquisas, relatos de experiências de campo e mesmo debates a partir de reflexões teóricas são fundamentais para o avanço e aperfeiçoamento de técnicas, produtos e serviços em diferentes áreas do conhecimento.

Para a vida acadêmica do pesquisador, a publicação de artigos assume caráter de essencialidade para sua sobrevivência no campo científico. Máximas conhecidas como “publish or perish” (publique ou morra), representam uma realidade concreta no dia a dia de quem participa da vida acadêmica, convocado a “rehear” seu Currículo Lattes com a divulgação de artigos que representem os resultados de sua prática de pesquisa, ensino ou extensão.

É consenso entre os cientistas que esta exigência tem transformado a vida profissional de pessoas ligadas à ciência e tecnologia em uma angustiante corrida de obstáculos cujo prêmio

final seria um acúmulo de capital científico, como nos dizeres de Bourdieu (1983), capaz de lhe garantir espaços privilegiados dentro de sua área de atuação. Prestígio e autoridade científica seriam os louros concedidos a quem conseguisse atingir os primeiros lugares nesse *podium* científico.

Contudo, esse ambiente competitivo é composto de regras muito rígidas e há muito sedimentadas, tornando ainda mais difícil ao pesquisador/competidor alcançar os lugares mais altos deste cenário. Isto porque o artigo científico é uma das principais bases da construção da própria ciência. O “fato científico” é uma construção coletiva que se faz a partir da publicação de artigos e dos debates que seguem a ele (LATOURE, 2000).

Assim é que o processo de publicação de artigos apresenta-se mais como um desafio que para ser vencido é necessário conhecer bem e respeitar as regras do jogo científico (BOURDIEU, 2004). Algumas destas regras poderiam ser aqui mencionadas, mas uma delas merece ser destacada: o “sistema de arbitragem” advindo dos “controladores de qualidade” ou seja, os “editores de revistas, os consultores e membros de conselhos das publicações” (MACIAS-CHAPULA, 1998, citado por YAMAMOTO, 2000¹)

Estes “guardiões da comunidade científica” como diz Macias-Chapula (apud YAMAMOTO, *op.cit.*, p.137) elaboram e aplicam filtros pelos quais um artigo científico precisa passar fazendo com que os autores enfrentem níveis de concorrência que podem ser maiores ou menores dependendo de cada área do conhecimento e de quanto mais consagrado for o periódico dentro desta área.

Todo esse processo torna a publicação científica um universo extremamente circunscrito que pode acabar girando em torno de si mesmo, excluindo boa parte da população de interessados em suas descobertas, e da consequente produção de artefatos e serviços que poderiam e deveriam estar disponíveis à sociedade em geral.

¹ Documento não paginado.

O contexto da atual sociedade, no entanto, preconiza a democratização e acesso à informação livre e para a maior parte possível dos cidadãos. As redes de comunicação virtual têm possibilitado esse acesso, sendo que o cidadão comum pode ter acesso a informação nos mais diferentes suportes.

A web 2.0 instalou uma nova espécie de participação do leitor enquanto co-autor do conteúdo que circula pela Internet. Desta forma, percebe-se um avanço considerável na relação leitor-autor, eliminando barreiras que impediam uma comunicação direta entre esses. O cidadão comum tem agora acesso quase ilimitado a todo e qualquer assunto postado na rede, inclusive resultados de pesquisa e inovação científica e tecnológica, podendo inclusive, interagir diretamente com o autor e seu conteúdo.

Pensando nessas mudanças, o presente artigo busca levantar uma reflexão não apenas sobre a importância e valor social do artigo científico, mas também e principalmente, sobre o atual sistema de publicação diante das possibilidades de interação que a chamada web 2.0 oferece.

2 A CIÊNCIA E O ARTIGO CIENTÍFICO: UMA VISÃO SOCIOLÓGICA

A importância do periódico, e do artigo propriamente dito, para a área da ciência, fica evidenciada nas obras de vários autores da Sociologia da Ciência, especialmente destaca-se aqui as contribuições de Bruno Latour e Pierre Bourdieu. Ambos os autores enfatizam o valor e a importância do artigo científico não apenas na consolidação de uma ciência enquanto tal, mas também na avaliação da atuação do cientista dentro do campo científico.

Ao discorrer sobre o capital científico, Bourdieu (2004, p.35) o divide em duas espécies distintas, porém interligadas: temporal (ou político) e específico (ou “puro”). Por temporal, o autor define aquele poder institucional ligado a ocupação de cargos considerados

importantes nas instituições científicas. O poder específico ou “puro” é definido como aquele prestígio pessoal obtido principalmente através do reconhecimento de seus pares (especialmente os mais consagrados).

Segundo Bourdieu, a acumulação do capital científico “puro” ocorre através das “contribuições reconhecidas ao progresso da ciência, as invenções e as descobertas (as publicações, especialmente nos órgãos mais seletivos e mais prestigiosos, portanto aptos a conferir prestígio à moda de bancos de crédito simbólicos, são o melhor indício)” (BORDIEU, op. cit., p. 36). Na luta concorrencial entre os pares pela obtenção desse capital, o periódico científico transforma-se em uma das mais poderosas armas disponíveis aos cientistas em sua trajetória nesse “jogo” de poder instalado dentro do campo.

Considerações sobre o prestígio das publicações também estão presentes na abordagem de Bourdieu, especialmente sobre aquelas que são veiculadas através de órgãos reconhecidamente sérios e exigentes dentro de uma área específica do conhecimento. “Publicações” pode ser um termo um tanto abrangente, mas que certamente inclui os artigos de revistas científicas.

Através da quantidade e do eventual sucesso de suas publicações, o cientista vai, portanto, acumulando capital científico que não apenas lhe concede prestígio, mas que também confere autoridade à ciência à qual dedica seus estudos. Retomando o conceito de *habitus* enquanto formador de práticas profissionais que se reproduzem dentro de um campo científico qualquer, é possível afirmar que um dos veículos utilizados para esta finalidade é o artigo científico.

Portanto, o artigo científico constitui-se numa das formas pelas quais um *habitus* se estabelece dentro de uma ciência, pois se trata de um dos principais veículos pelos quais se divulgam as regras do jogo da ciência, onde práticas e ações dos atores são descritas e

até mesmo definidas. Ele serve como canal de comunicação que estabelece a maneira como as coisas são feitas dentro de um campo, levando a comunidade à reprodução de práticas profissionais que acabam por dar forma a uma determinada ciência.

Muitas vezes, são os artigos científicos que introduzem a própria definição de uma ciência. No caso específico da Ciência da Informação, foram os artigos sobre epistemologia social publicados por Shera e Egan, na década de 1950, que abriram as portas para que essa nova ciência fosse pensada. Ainda nessa área, os artigos de Saracevic, por exemplo, são cruciais na definição do que se pode considerar como Ciência da Informação nos dias de hoje. Práticas profissionais foram alteradas a partir das idéias defendidas por esses e outros autores, novos *habitus* se formaram até que a CI pudesse surgir como uma nova proposta paradigmática na área da informação (CORREA, 2008, p. 156).

Bruno Latour (2000, p. 55) também analisa o artigo como uma poderosa arma para a construção coletiva do fato científico. Para ele, o artigo científico é o mais importante e menos estudado veículo retórico para a construção desse fato. O autor dedica assim boa parte de sua obra “Ciência em Ação” para demonstrar a importância de se conhecer e se estudar o processo de se fazer ciência através da dinâmica da produção e do uso do artigo científico.

Para o autor, um texto torna-se científico a partir da repercussão de uma dada afirmação ou fato que veicula, ou seja, na medida em que existe aceitação ou que suscita debate entre os cientistas. Sobre esse ponto, Latour afirma que “quando as controvérsias se inflamam, a literatura se torna técnica” (op. cit., p. 53). Nessa hora, o mais importante é arregimentar aliados, que poderão se manifestar através da própria literatura científica. Torna-se importante, para esse autor, não apenas buscar base em trabalhos já publicados anteriormente, mas também (e principalmente) servir de base para textos posteriores.

Esse último aspecto é peça fundamental no reconhecimento definido por Bourdieu como “capital científico ‘puro’” e recebe destaque também na análise de Latour. Para ele, trata-se de uma “questão de número”: ser mencionado em índices de citações e referências não apenas confere *status* ao seu autor, mas o protege de cair na situação inversa de isolamento. O autor aponta para o fato de que um texto sem a devida “cobertura” literária corre o sério risco de tornar-se indigna de crédito: “uma monografia sem referências é como uma criança desacompanhada a caminhar pela noite de uma grande cidade que ela não conhece: isolada, perdida, pode acontecer-lhe qualquer coisa” (LATOURE, op. cit., p. 58).

Latour ainda afirma que quanto mais técnica e especializada é uma literatura, mais “social” ela se torna, “pois aumenta o número de associações necessárias para isolar os leitores e forçá-los a aceitar uma afirmação como fato” (LATOURE, op. cit., p.103). Com isso, o que Latour quer dizer é que o *cientista* não pode estar sozinho, mas deve arregimentar aliados suficientemente fortes – ou seja, mais referências e citações - para deixar o *leitor* sozinho, diminuindo assim as chances de ser questionado e ver seus argumentos e teses derrubados.

Isso significa, para Latour, que o fato científico é construído coletivamente, e um dos veículos mais poderosos que se pode utilizar é o artigo científico. Assim, também, é que se estabeleceriam as ciências: na criação, divulgação e adesão de fatos científicos que derrubam paradigmas antigos.

Essa construção coletiva poderá agora, graças às tecnologias de comunicação em rede, ser potencializada em níveis jamais antes reconhecidos. Uma das formas mais rápidas de se fazer isso é através da abertura de um diálogo entre autor e leitor, que deveria estar presente nos veículos de comunicação científica, base desta breve reflexão.

3 O PAPEL DA UNIVERSIDADE NA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

Como já mencionado anteriormente, as práticas que envolvem a publicação de artigos científicos acabam por criar uma espécie de campo de forças, por vezes difícil de ser transposto. Outro risco desse círculo vicioso das publicações científicas, é o de existir uma massa de artigos conformados aos padrões estabelecidos e, portanto, “repetitivos e monótonos”, resultado da roda viva patrocinada pelo *publish ou perish* (CASTRO; PARENTONI, 2000, *apud* YAMAMOTO, 2000). Yamamoto (2000) reflete sobre isso e lança algumas perguntas interessantes:

Não ensinamos em nossos cursos de Metodologia Científica, que ciência é um empreendimento coletivo; que a investigação científica nasce no contato do pesquisador com a realidade e somente se realiza com a divulgação dos resultados? Ademais, tomando como pressuposto que, virtualmente, a totalidade da pesquisa no Brasil é feita em instituições públicas, com recursos de agências de fomento estatais, não seria um compromisso a publicação, para expor nosso trabalho à crítica externa? Mais ainda, sabendo que, conforme De Meis (1996), 40% dos conhecimentos gerados a cada ano nos Estados Unidos não são publicados por razões econômicas ou estratégicas, propugnar pelo acesso à informação não se constitui em uma tarefa alinhada com os preceitos democráticos?

Dessa forma, a atual configuração das publicações gera uma tendência a que estas se tornem cada vez mais distantes de um de seus papéis preponderantes: dar visibilidade a trabalhos de qualidade a fim de que tornem possível o estabelecimento de transformações sociais para além da teoria acadêmica.

O retrato aqui apresentado pode ser apenas uma das facetas do atual estado da arte da ciência dentro de um quadro muito mais

complexo no qual também vale refletir o papel das Universidades, ainda sob o ponto de vista das publicações científicas.

Demo (2011, p.37) discorre sobre o ambiente concorrencial instalado na comunidade acadêmica a partir das “disputas por paradigmas dominantes”:

A assim dita “comunidade acadêmica está repleta de rivalidades e mesmo deslealdades [...] Observe-se a guerra atual em torno das publicações indispensáveis para galgar postos maus elevados na carreira. Embora havendo acordo razoável em torno da necessidade de publicar pesquisa própria, instalou-se uma disputa acirrada e raivosa ao redor das várias modalidades de publicação.

O autor finaliza o debate indicando a necessidade de uma “desconstrução” da academia, “considerada hoje como uma expressão de séculos passados” (op.cit., p.145):

Sua casa maior – a universidade – também é vista hoje como entidade do século passado (DUDERSTADT, 2003; DEMO, 2004), enferrujada, resistente a mudanças, sobretudo podre de empáfia, dona da verdade. Principalmente se imagina dona das mudanças porque não se deu conta ainda, como sugere ironicamente Plant (1999), que “mudaram a mudança”. Não é mais aquela controlada, vinda de cima, comandada, gerenciada, mas aquela da própria natureza: profunda, radical, rebelde, porque sem comando central.

Apesar do tom agressivo com que Demo apresenta o campo da ciência na atualidade, os pontos aqui discutidos apontam para uma reflexão extremamente necessária na sociedade digital da qual a ciência e a universidade não apenas participam, mas também ajudaram a configurar: é urgente que os processos de comunicação

científica passem por uma renovação que contemple as características da sociedade em rede.

O texto de Demo (op.cit) discorre sobre a sociedade do conhecimento e suas características de interatividade, focando sua análise no fenômeno da *Wikipedia*, discutindo os limites e as propostas democráticas de construção coletiva do conhecimento e da aprendizagem através das mídias digitais. Dessa forma, chega-se ao ponto nevrálgico desta reflexão: **as publicações e a comunicação científica precisam adaptar-se aos novos tempos digitais.**

4 O ARTIGO CIENTÍFICO EM TEMPOS DE WEB 2.0

Entende-se por *web 2.0*, segundo definição de sua talvez maior expressão, a *Wikipedia*²:

uma segunda geração de comunidades e serviços, tendo como conceito a "*Web* como plataforma", envolvendo wikis, aplicativos baseados em *folksonomia*, redes sociais e Tecnologia da Informação. Embora o termo tenha uma conotação de uma nova versão para a *Web*, ele não se refere à atualização nas suas especificações técnicas, mas a uma mudança na forma como ela é encarada por usuários e desenvolvedores, ou seja, o ambiente de interação e participação que hoje engloba inúmeras linguagens e motivações.

Em outras palavras, a *web 2.0* tem como uma de suas principais características a “interação e participação”. Com isso, em tese, qualquer pessoa é capaz de interagir com outras e elaborar conteúdos de qualquer espécie, sobre qualquer assunto, sem qualquer barreira de tempo ou de espaço. Esteja onde estiver, a qualquer hora, em tempo real.

² http://pt.wikipedia.org/wiki/Web_2.0

O movimento que apoia o acesso livre às informações segue na direção de provocar um pouco a abertura necessária a fim de divulgar de forma mais democrática os textos científicos. O documento chamado “Manifesto Brasileiro de apoio ao Acesso Livre à Informação Científica” (IBICT, 2005), apresenta um contexto no qual:

A comunidade científica enfrenta dificuldades no acesso à informação científica, se considerado o modelo tradicional de publicação científica. Tradicionalmente, os artigos ou trabalhos científicos são publicados em revistas especializadas, e a forma de acesso a esses trabalhos dá-se mediante assinatura das publicações pelas bibliotecas ou pelo pesquisador [...] **O movimento de apoio aos *open archives* e ao acesso livre à informação surge em consequência das dificuldades encontradas pela comunidade científica mundial no acesso à informação científica.** Concretizou-se, de fato, por meio de diversos manifestos, como as declarações de Bethesda, Budapeste e Berlim, além de manifestações de organizações não-governamentais e internacionais, como a Ifla e a OCDE, entre outras. (grifo nosso)

O Manifesto preconiza que:

é necessário aderir ao movimento mundial e estabelecer uma política nacional de acesso livre à informação científica, mediante o apoio de toda a comunidade científica, com o envolvimento não apenas das suas organizações, mas, obrigatoriamente, dos pesquisadores e das agências de fomento. O estabelecimento do acesso livre como um procedimento vantajoso requer o empenho ativo de todo e qualquer indivíduo que produza conhecimento científico, ou seja, de todo detentor de patrimônio cultural.

O movimento trata-se de uma iniciativa para desenvolver e promover padrões de interoperabilidade com o fim de facilitar o acesso de conteúdos e propõe, dentre outras iniciativas, a chamada “auto-publicação” a criação de repositórios de acesso livre à informação. As características dessa informação permitiriam uma “maior visibilidade dos trabalhos publicados, com maiores possibilidades de impacto e da capacidade de alcance de um público muito maior do que o dos assinantes de revistas científicas.

No Brasil, o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT – tem encabeçado o movimento através de articulação política e oportunização de debates, além de criação de repositórios como o PortalOasis.br.¹ É uma das instituições brasileiras que possuem melhor competência técnica para o uso e desenvolvimento de ferramentas compatíveis com o *Open Archives*.

Apesar de significar avanços no sentido de democratizar o acesso da informação, as ferramentas de *Open Archives* pretendem promover apenas isto: acesso livre. A discussão até aqui construída, procura argumentar que ainda é necessário ir mais além, instigando também um debate direto entre autor-consumidor de artigos científicos.

Migrar as características da *web 2.0* para o Periódico científico e seus artigos, representaria um avanço significativo no que Demo (2011) chama de “novas epistemologias virtuais”. Essa construção coletiva, como no exemplo da *Wikipedia*, se apresentaria como a forma mais democrática de escrita, como nos dizeres do autor:

o texto que mais teria de merecer a atenção seria aquele mais bem argumentado, sem que daí decorresse qualquer formatação definitiva. Seria menos provisório, porque deteria melhor fundamentação [...]. Como não cabe o argumento da autoridade, nem qualquer imposição autoritária, ser ouvido só poderia ser questão de mérito de quem se faz ouvir, não

gritando, não vociferando, agredindo, ofendendo, mas *argumentando*. A obra que desfila pela passarela com maior consistência e permanência seria, naturalmente, aquela que merecesse este respeito da comunidade” (p.126-127) (grifo do autor)

Pires (2009)³ afirma que o artigo científico “mantém sua estrutura linear praticamente inalterada desde a sua origem e os textos hoje publicados, tanto no formato analógico quanto no digital”. Dessa forma, “deixa-se de se utilizar características importantes do meio digital, como os hiperlinks e a hipermídia, que podem oferecer uma gama completamente nova de abordagens e possibilidades para a construção do conteúdo.”

Por outro lado, os artigos “nascidos digitais” (*born digital*) preconizam uma otimização do texto “tanto para a leitura humana no computador e por máquinas ao se apoderar das disponibilidades do hipertexto virtual, além, é claro, de explorar as possibilidades de comunicação telemática propiciadas pela Internet” (PIRES, 2009).

Para ser considerado um artigo que atende às perspectivas da *web 2.0*, esse deveria ser nascido digitalmente: *born digital*. Pires (2009) afirma que “A idéia por trás dos artigos *born digital*, assim, é otimizá-los tanto para a leitura humana no computador e por máquinas ao se apoderar das disponibilidades do hipertexto virtual, além, é claro, de explorar as possibilidades de comunicação telemática propiciadas pela Internet”.

O autor apresenta algumas características de um artigo dessa natureza:

- não é criado para ser lido impresso;
- leva em conta as características hipertextuais e hipermediáticas dos objetos eletrônicos;

³ Documento não paginado

- apenas ser escrito através de um software de edição de texto não o torna nascido digital;
- permite que ligações entre diferentes textos possam ser facilmente identificáveis;
- é elaborado pelo autor com descrição do conteúdo com marcadores semânticos, ligações com outros artigos e *upload* de informações suplementares, como dados quantitativos;

No entanto, é preciso que seja feito um trabalho conjunto de conscientização por parte da comunidade de pesquisadores que publicam seus originais, bem como de um conhecimento e adaptação por parte dos editores a fim de interagir com as ferramentas tecnológicas necessárias a este tipo de edição eletrônica.

A partir da publicação de artigos *born digital* que permitissem o contato direto entre autor e leitor, estariam instaladas mudanças estruturais no campo das publicações científicas que passariam também por uma profunda mudança de paradigma: o do reconhecimento pela argumentação e pelo diálogo. Através desse paradigma, pode ser criada uma nova possibilidade de obtenção do capital científico de Bourdieu: a abertura de um fórum de debates dentro do próprio periódico, o que já é possível através das ferramentas já existentes com a opção de “adicionar comentários”, presente na plataforma OJS (*Open Journal Systems*), base do SEER⁴, amplamente utilizado no Brasil.

A argumentação aqui proposta seria um contraponto à notória rigidez dos veículos de comunicação científica, e a abertura deste diálogo introduziria uma participação mais ativa não apenas entre os pares, mas também possibilitaria a participação de um público mais geral, que provavelmente não é atingido pelos meios convencionais.

⁴ Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas

Obviamente que seria ingênuo achar que todas as contribuições seriam positivas ou que sempre acrescentariam algo de novo ou de valor aos textos publicados. Toda mudança representa riscos. Abrir o diálogo representa também uma nova forma de exposição do autor e de suas ideias. “O preço da liberdade é seu abuso. Boa fé e má-fé andam sempre juntas” (DEMO, 2011, p.94).

Isso significaria, segundo Demo: a “desconstrução da academia como dona da verdade e do método científico” (op.cit., p.132). O discurso do autor, mesmo que proveniente da academia estaria assim aberto à discussão pública, sendo reconstruído através do diálogo, ficando em segundo plano a crença fantasiosa (nas palavras de Demo) do método científico: a das conclusões e verdades finais e estáveis.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por certo que não se trata aqui de desprezar ou inutilizar o trabalho e a publicação acadêmica, muito menos de tentar eliminar ou mesmo diminuir o seu valor. Trata-se apenas de identificar valiosas possibilidades a fim de redefinir sua caminhada a partir da apropriação de recursos tecnológicos que poderão contribuir para democratizar a ciência apresentada nos artigos científicos.

Para tal, no entanto, é necessário haver disposição e empenho por parte da comunidade científica. Vale então considerar a afirmação de Pires (2009), ao dizer que:

A subutilização do meio digital, portanto, é consequência da falta de interesse por parte do meio científico contemporâneo, pois um texto nascido digital deve ser criado já tendo em vista seu material adicional — camadas de comentários, informações suplementares (como listas e tabelas de dados), abas que desestruturam o conteúdo e marcação semântica para recuperação automática da informação.

Ficam então em aberto os questionamentos a respeito dos motivos desta “falta de interesse” apontada pelo autor, o que torna essa reflexão ainda mais instigante. Pires (2009) também sugere que “o bibliotecário deve se juntar a iniciativas de desenvolvimento de novas tecnologias para o texto nascido digital para garantir que haverá padrões úteis, necessários e relevantes ao tratamento dos documentos digitais. Talvez, inclusive, o profissional da informação possa auxiliar na criação de novas tecnologias de disseminação e publicação seletiva dos artigos eletrônicos” (op.cit.). Está posto o desafio.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **O campo científico**. In: ORTIZ, R. (Org). Pierre Bourdieu. São Paulo: Atica, 1983.

_____. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.

CORREA, E.C.D. **Os usos do computador e a definição do campo da Ciência da Informação em relação à Biblioteconomia no Brasil: uma análise sociotécnica**. 2008. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Florianópolis, 2008.

DEMO, P. **A força sem força do melhor argumento: ensaio sobre “novas epistemologias virtuais”** Brasília: IBICT, 2011.

LATOURET, B. **Ciência em Ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: UNESP, 2000.

IBICT. **Manifesto brasileiro de apoio ao acesso livre à informação científica**. Brasília, 2005. Disponível em:

<http://kuramoto.files.wordpress.com/2008/09/manifesto-sobre-o-acesso-livre-a-informacao-cientifica.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2011.

MARCONDES, C.H. Um modelo semântico de publicações eletrônicas. **Liinc em Revista**, v.7, n.1, 2011. Disponível em: <http://congresso.ibict.br/index.php/enancib/xienancib/paper/view/373> Acesso em: 18 ago. 2011.

PIRES, F.P. O artigo científico. **RABCI**: repositório acadêmico de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Disponível em: http://rabci.org/rabci/sites/default/files/Fernando%20Paganella%20Pires%20-%20ARTIGO%20CIENT%20C3%8DFICO%20caracter%20ADsticas%20atuais%20e%20previs%20B5es%20para%20seu%20futuro_0.pdf Acesso em: 18 ago.2011.

YAMAMOTO, O.H. Publish or perish: o papel dos periódicos científicos. **Estud. Psicol.**, Natal, v.5, n.1, jan./jun. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2000000100001 Acesso em: 18 ago. 2011.

SCIENTIFIC ARTICLES IN TIMES OF WEB 2.0: THEORETICAL REFLECTIONS

Abstract: *Reflection on the social role of the scientific paper and of the university to the democratization of science. Discuss the rigidity of the publishing process and the potential of web 2.0 in order to make science more democratic and to open a dialogue though the publication of born digital articles .*

Keywords: *scientific paper, journal, university, web 2.0, digital article.*

Elisa Cristina Delfini Corrêa

Doutora em Sociologia Política, Professora do curso de
Biblioteconomia – Hab. Gestão da Informação – Centro de Ciências
da Educação FAED

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

E-mail: elisacorrea61@gmail.com

Artigo:

Recebido em: 06/09/2011

Aceito em: 17/09/2011